

À guisa de introdução: abrindo o álbum

Eu realmente acredito que existimos como seres humanos porque podemos contar histórias. Vivemos uma narrativa. Há uma espécie de linha que seguimos e que nos liga ao ontem, ao hoje e ao amanhã. É claro que montamos e cortamos muitas coisas, sobretudo aquilo que não se encaixa no que pensamos ou queremos ser. Escrevemos a nossa própria história.

Paul Auster

Entre o abrir e o fechar de um álbum há uma história contada a partir dos objetos, textos e fotografias nele ordenados e fixados, mas também permeada pela narrativa oral que acompanha, invariavelmente, o folhear das páginas. As fotografias individualmente constituem suportes de memória e suscitam uma narrativa que é potencializada pela organização e pela lógica do álbum fotográfico, que ordena as fotografias em uma série.

Assim como um álbum que se abre, seja para ser preenchido, seja para ser lido, abri há quatro anos um importante capítulo da minha vida, ao iniciar o doutorado. Neste momento tento fechar esse álbum. E constato que, assim como a vida transborda qualquer registro e como o álbum é dinâmico, pois é completado continuamente com a memória e a percepção das pessoas que o leem, esta tese, metaforizada numa espécie de álbum que também apresenta uma narrativa, não pode ser concluída. Nessa reflexão, lembro-me das proposições teóricas de Michel de Certeau (1982) quanto ao historiador ser impelido, pela prática da pesquisa, a refletir sobre a operação historiográfica a partir da qual seu fazer se estrutura. Certeau chegou à conclusão de que o ponto final da escrita não representa o término da reflexão. Confesso que, para mim, neste momento, essa percepção é um alento. Mais que um alento, faz-me perceber o significado do álbum. Nesse sentido, agora que é necessário fechar o álbum, percebo a dimensão do desafio proposto.

Rever velhas fotografias é sempre delicioso para quem gosta de ouvir contar coisas de um passado que vai distante e que guarda, na memória de todos nós, as mais caras lembranças. A fotografia, embora seja inanimada, consegue o milagre de tornar claros, nítidos, os motivos que a inspiraram (BERINGHS, 1971, p. 58).

Este trecho de uma crônica escrita por Emilio Amadei Beringhs parece catalisar dois dos elementos básicos relativos à fotografia: vestígio objetivo de ações do passado e suporte de memória individual e coletiva. Ao tomar como centro de suas atenções a cidade de Taubaté, o jornalista taubateano traz para a coletividade as reminiscências individuais. Articula em seu texto o retrato e o álbum, a admiração e a saudade de algo que podemos não ter vivido, mas que faz parte de nossa história. Uma velha fotografia “bole com a gente”, mexe com nossos sentimentos porque nos remete a momentos por ela cristalizados.

Desde os primórdios da fotografia, a cidade de São Paulo foi fotografada em diferentes momentos, por diversos atores sociais, fotógrafos profissionais ou amadores, em diversos ângulos e por múltiplos motivos. Espaços públicos e privados foram foco de olhares ávidos de acompanhar as mudanças frenéticas da “paulicéia desvairada”.

Machado de Assis, em uma de suas crônicas publicadas em jornais contemporâneos à sua escrita, refere-se ao olhar focado e sensibilizado, o que ele chama de “coisas miúdas”, que podem se referir tanto aos aspectos rotineiros, comezinhos do nosso cotidiano, como também a objetos que, de tão banalizados pelo uso contínuo e pela proximidade, perdem a capacidade de nos captar o interesse.

Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves [...], coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam (ASSIS, Machado de. *A Semana*, 11/11/1900, *apud* SEVCENKO, 1998, p.7).

Desse modo, assim como Machado de Assis operou, eu também procurei apertar os olhos para enxergar as “coisas miúdas”, que neste caso são as fotografias escolares que fazem parte da vida da maioria das pessoas que passaram pelo processo de escolarização.

Passando do aspecto sentimental ao acadêmico, ou ultrapassando as limitações da fascinação que a fotografia exerce, no início de minha iniciação científica deparei uma questão que me perseguiu até agora. O meu acesso às fontes fotográficas, desde a iniciação científica¹, desenvolvida com base no Arquivo Fernando de Azevedo do Instituto de Estudos Brasileiros-IEB USP, suscitou-me reflexões acerca do caráter da fotografia como objeto e como fonte de pesquisa, e sobre o caráter da imagem fotográfica como uma forma

¹ Realizei meus estudos de iniciação científica de agosto de 1998 a dezembro de 2000 (FAPESP, Processo: 98/05063-9). Meu mestrado foi realizado no período 2001-2003 (CAPES).

de linguagem. Nesse período, fui designada para higienizar, organizar e catalogar as fotografias de um acervo particular doado a uma instituição pública. Percebi que já havia sido feito um trabalho prévio de organização, o qual mantive. Não consegui descobrir se fora realizado na própria instituição de guarda desse acervo, em que desenvolvia minha iniciação científica, ou se fora feito pelo próprio doador ou sua família. O fato é que o conjunto de fotografias estava organizado por ordem cronológica. Havia indícios de que algumas fotografias haviam sido retiradas de um álbum e inseridas na ordem cronológica. Instigou-me, durante muito tempo, conhecer e estudar a lógica que o dono desse álbum havia conferido às fotografias. A narrativa do álbum e a relevância subjetiva que ele atribuía às fotografias perderam-se.

No mestrado, investiguei a construção discursiva por meio da imagem: espacialmente, do Rio de Janeiro, então Distrito Federal; tematicamente, a produção e apropriação de imagens fotográficas da Reforma Fernando de Azevedo; e, temporalmente, o período em que a reforma educacional se efetivou, entre 1927 e 1930. A execução do trabalho exigiu recorrer às teorias de análise da imagem do ponto de vista da semiótica e da análise do discurso, bem como promover extenso levantamento dos registros fotográficos produzidos sobre a reforma educacional, suas condições de produção e sua divulgação nos veículos de imprensa do período. Objetivei demonstrar as possibilidades investigativas a partir da imagem fotográfica, ultrapassando os limites de sua inserção em trabalhos científicos como meras ilustrações. Procurei contribuir para a percepção dos processos de produção e recepção das imagens com base nas categorias de apropriação, materialidade e lutas de representação formuladas por Roger Chartier. Nesse sentido, os esforços foram direcionados à intenção de compreender a construção de diversos olhares sobre a reforma azevediana e a relação entre eles, no intuito de apresentar, por meio das imagens fotográficas, um discurso sobre o movimento de renovação educacional.

Após o término do mestrado, retomei a questão que o álbum desfeito havia despertado. As possibilidades de pesquisa e interpretação que foram perdidas com a desmontagem desse documento acompanharam-me durante muito tempo, assim como algumas questões teóricas a respeito da fotografia. Desse modo, com um intervalo significativo desde o final do mestrado, que foi o tempo necessário para assentar e delinear essas questões, nesta pesquisa de doutorado intenciono dar continuidade à pesquisa desenvolvida no mestrado, trazendo à tona aspectos suscitados desde a iniciação científica.

O processo de investigação da mencionada pesquisa provocou a elaboração de questões que não puderam ser incorporadas e exploradas no trabalho, à época, pois ultrapassavam os limites e os prazos do mestrado.

I. A padronização de uma imagem fotográfica de escola

A percepção de que há uma imagem referência padronizada de escola instigou a reflexão sobre a sua constituição e a cristalização de um tipo de registro fotográfico, não só do ponto de vista técnico-formal, como também do ponto de vista temático.

A conformação de uma cultura escolar guarda estreitas relações com a forma como a sociedade projeta e constrói imagens de si mesma nos diversos cenários e ações de seu cotidiano. A escola produz imagens representadas pelas fotografias que, ao mesmo tempo em que refletem suas práticas, mantêm um padrão de representação social que articula a cultura escolar aos condicionamentos sociais.

A análise dos registros produzidos na e pela escola, a partir do final do século XIX, intensificando-se na primeira metade do século XX, permite identificar as recorrências e, por meio de sua percepção, a consolidação de uma imagem da escola construindo padrões de representação social e de iconografia. Nessa perspectiva, o período enfocado acentua um processo de desenvolvimento técnico e de visualidade que se reflete, de certo modo, na sistematização de registros fotográficos das transformações urbanas e sociais, abrangendo, pois, as práticas escolares².

O registro fotográfico conformou um olhar sobre as práticas escolares, pois, mesmo quando apresenta o espaço escolar desabitado, restringindo-se a aspectos arquitetônicos, pressupõe-se o uso e as apropriações desse espaço pelos alunos e professores, como preconizam Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano (1998).

A fotografia, principalmente no caso do retrato, suscita emoções individuais e coletivas. De acordo com Boris Kossoy (2001), isso ocorre porque as fotografias

² Sobre esse aspecto, ver o trabalho de Clarice Nunes: “A Escola reinventa a Cidade”. In: HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 180-201.

representam “fragmentos interrompidos da vida” que são fonte de recordação, emoção e informação.

Para além de sua especificidade particular, os retratos, coligidos em álbuns fotográficos, são redimensionados e inseridos numa lógica narrativa que expande sua potencialidade informativa. Desse modo, nesta pesquisa procurei investigar, tanto a singularidade do retrato e do álbum, quanto a articulação entre esses dois suportes de memória.

A relevância da abordagem temática desta pesquisa inscreve-se no esforço epistemológico de compreensão da constituição da imagem fotográfica escolar produzida sobre e pela escola. Acrescente-se que uma das razões mais importantes que motivou a elaboração deste projeto foi a existência de um conjunto significativo de imagens fotográficas da Escola Caetano de Campos, material significativo, tanto no aspecto quantitativo, quanto no qualitativo, compondo profícua base empírica para investigação. Esse material ainda não foi explorado em toda sua potencialidade.

A expressão retrato escolar traz interessante e rica reflexão. Genericamente, toda fotografia produzida na e pela escola, ou aquela que tenha a escola como tema, é denominada “retrato escolar”. A expressão assumiu certa familiaridade no universo da cultura escolar, e deve ser investigada, para se compreender essa própria cultura.

Pretendi, pois, responder a questões relacionadas ao retrato escolar e à constituição de um determinado padrão adotado para sua realização, no que se refere mais à imagética registrada do que à prática que gerou esses registros, devido à dificuldade de rastrear esta última. Esse padrão pode ser percebido a partir da análise de séries documentais que revelam recorrências. O que diferencia um retrato escolar de um retrato de família, por exemplo? Há muitos estudos sobre os retratos de família. Pode-se citar, entre outros, dois muito significativos, um no âmbito nacional, o de Miriam Moreira Leite, publicado em 1993, e outro do francês Phillippe Dubois, de 1990. No entanto, a despeito da importância que o retrato escolar desempenha na vida das pessoas, ainda é pouco estudado. Dada a sua amplitude temática e mesmo quantitativa, pode-se, inclusive, dizer que constitui um gênero fotográfico.

Nesse sentido, meu objetivo foi refletir e investigar sobre os elementos e circunstâncias que definiram esse padrão ao longo do tempo. Historiadores, como Ulpiano

Bezerra de Meneses, mencionam a existência de “imagens-guia”, ou seja, imagens que se tornam modelo para o desenvolvimento de padrões, como é o caso do retrato do rei em pé segurando o cetro, que virou modelo para poses em retratos masculinos durante o final do século XIX e mesmo no início do século XX. No entanto, para além da verificação da existência de imagens que alcançam esse papel, há que se questionar por que determinadas imagens se tornam guia. Assim, para Meneses (2005), a iconosfera seria o conjunto de imagens-guia de um grupo social num determinado momento. Ele alerta para o fato de que as imagens-guia não são apenas imagens disponíveis; são mais do que isso, são imagens de referência que se tornam recorrentes e identitárias. Observa que pode ser considerado um fenômeno, o caso dos retratos escolares, como procuro demonstrar neste estudo.

Ao longo do tempo, e respondendo a diversas demandas, construiu-se um repertório visual constituído de referências que resultaram em grupos de imagens com pequenas variações, como é facilmente possível verificar no caso dos álbuns de formatura, por exemplo.

Para estudar as permanências desses modelos, fundamentei a análise nas formulações de Michel Vovelle, apresentadas na obra *Ideologias e mentalidades*, na qual, inclusive, o autor dedica um capítulo especificamente à iconografia. Além dessa perspectiva teórica, pretendo também recorrer ao conceito de permanência, no intuito de estudar as permanências de referências na constituição desse padrão de representação que, em suas nuances, constituiu uma visão de educação a partir do registro fotográfico da escola e de suas práticas. A questão que se impõe como primordial é investigar essas permanências para além da ação do tempo e procurar compreendê-las como resultado de uma intrincada relação de referências.

A investigação das regularidades enunciativas permite perceber a alteridade entre campos de enunciação, ou seja, entre conjuntos de fotografias. Com base na problemática da produção do registro, nos motivos que a influenciaram e nas suas especificidades, há que se investigar as condicionantes históricas, estéticas e intencionais que permearam a composição das imagens que se pretendia conservar e, ao mesmo tempo, o modo como foram apropriadas. Permeando a realização da pesquisa e a escrita da tese, o objetivo central foi estudar as recorrências enunciativas e a composição de padrões na representação fotográfica da escola.

Há estudiosos da imagem, como Roland Barthes e Walter Benjamin, que advogam que há um ambiente visual, ou seja, elementos visuais aos quais estamos expostos e do qual somos artífices. Jacques Aumont refere-se ao que denominou de “imagem visual”, aquela que possui uma forma visível. Trata-se:

[...] da imagem visual como modalidade particular da imagem em geral, para isso, seu objeto adota deliberadamente o âmbito de generalidade: examina sem esquecer suas diferenças, o que é comum a todas as imagens visuais, quaisquer que sejam sua natureza, sua forma, seu uso, seu modo de produção (AUMONT, 2000, p. 13).

Vivemos num ambiente fundamentalmente composto por imagens, tanto mentais como visuais. De que forma esse ambiente é constituído? Como se autorreflete? Como e por que constituímos imagens de referência? São questões inquietantes, mas que auxiliam a compreender o papel da imagem fotográfica no imaginário escolar na própria escola e na sociedade e perceber a sua historicidade. Assim, essas questões fazem parte do arcabouço da problematização deste trabalho, e o desafio está na tentativa de superar o caráter abstrato e complexo que a imagem mental adquire e o caráter de familiaridade de que a imagem fotográfica se revestiu e que dificulta a sua análise.

O entendimento da representação fotográfica e das práticas discursivas geradas a partir da utilização da fotografia como forma de registro no campo educacional, em uma perspectiva histórica, torna possível vislumbrar as relações entre as propostas pedagógicas e seus mecanismos de transformação e de conformação de práticas escolares.

Uma parte expressiva das ações escolares é registrada e traduzida em imagens desde finais do século XIX, como é possível constatar ao se investigar os arquivos fotográficos. O próprio Acervo da Escola Caetano de Campos, a partir do qual foi composto o *corpus* documental desta pesquisa, atesta esse fato, pois há fotografias do prédio da escola que datam de 1894, e um dos álbuns é de 1895. A quantidade de registros intensifica-se nas primeiras décadas do século XX. Essa ampliação pode ser reputada a dois motivos principais: a realização de reformas educacionais em diversos estados brasileiros, o que demandou o registro das ações reformistas, e a sua divulgação; e, o desenvolvimento técnico da fotografia, que permitiu sua maior circulação, inclusive nas revistas ilustradas e nos jornais, e, ainda, como recurso didático. Entretanto, apesar de relevante, foi constatada, já no início da pesquisa, a dificuldade de rastrear esses aspectos.

Objetivei investigar como os registros fotográficos da escola e de suas práticas tendem a representar o que se entende como escola. É preciso, para isso, considerar que essa percepção não é exclusiva da educação e de seus registros fotográficos. A fotografia foi, durante muito tempo, e em muitos casos ainda é, percebida como um *relais* do real, ou seja, como uma cópia fiel da realidade, e essa percepção direciona a sua recepção.

Para estudar a representação, segundo Chartier (1991), é preciso deslocar o foco de análise do âmbito das idéias para o do concreto, isto é, a forma como as representações se materializaram. Esse é um dos motivos pelos quais o objeto da pesquisa aqui delineada é composto pelas imagens materializadas em fotografias da Escola Caetano de Campos, procurando-se tratá-las em sua materialidade, o que significa compreendê-las inscritas em seus meios e lugares de produção e em suas condições de possibilidade.

A materialidade da fotografia determina, segundo Kossoy, seu caráter documental. Em suas palavras:

[...] em função da materialidade do registro, no qual se tem gravado na superfície fotossensível o vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta, em dado espaço e tempo, nós a tomamos (a fotografia), também, como um 'documento do real', uma fonte histórica (2001, p. 31).

Conceber a fotografia como documento implica ainda, como alerta Kossoy, compreender o “processo de construção da representação” que o originou.

Neste sentido, pretendo contribuir, integrando esta pesquisa no conjunto dos trabalhos que têm promovido uma avaliação crítica da importância da fotografia como meio de expressão e comunicação. Atribuindo destaque maior para o caso das fotografias da Escola Caetano de Campos, procuro fornecer subsídios para o enriquecimento dos estudos sobre a linguagem fotográfica. Assim, esta pesquisa insere-se no movimento atual de investir no tratamento da imagem fotográfica como fonte documental e como objeto de pesquisa de grande interesse e auxílio para os estudos no campo da História da Educação.

Como neste trabalho a fonte fotográfica e as fotografias são utilizadas como objeto de pesquisa, percebi, pela análise desse conjunto de fotografias e pelo estudo dos teóricos sobre o assunto, que não se trata mais de distinguir fonte e objeto, pois a fotografia atravessa essas dimensões, articulando-as. Observe-se que durante muito tempo foi necessário distinguir essas duas dimensões para desenvolver uma metodologia de tratamento desse tipo de fonte e para ultrapassar as resistências em relação à sua utilização.

Obviamente, não há aqui a pretensão de tratar o assunto proposto em toda sua extensão, mesmo porque, apesar de relativamente recente, a preocupação com esse tipo documental, inclusive na área educacional, vem originando a produção de interessantes e profundos debates e reflexões, nos quais este texto se baseia. Dessa forma, o objetivo é contribuir apresentando um estudo circunscrito a uma questão específica: a dos retratos escolares.

A fotografia brasileira oferece um campo imenso, quase inexplorado e bastante promissor para os estudiosos interessados na discussão de suas estéticas e práticas expressivas ao longo da história. Contudo, a reflexão ainda exige empenho, por parte dos especialistas da área, para superação das lacunas existentes.

Neste sentido, visei apresentar esta pesquisa como contribuição ao conjunto dos trabalhos que têm procurado promover uma avaliação crítica da importância da fotografia como meio de expressão e comunicação e como fonte documental, apontando o seu emprego como objeto de pesquisa. Para o estudo dos retratos escolares, proponho trabalhar as fotografias como fonte documental, para compreensão dos mecanismos e das representações da renovação educacional, e como objeto de pesquisa, devido ao desenvolvimento da investigação acerca das condições de sua produção, dos fotógrafos responsáveis pelos registros e da própria história da fotografia no Brasil.

Para compreensão e utilização da fotografia como documento, é preciso considerar, não só a imagem em si, mas também as condições de sua produção (técnicas e referências ao fotógrafo) e os processos de circulação, divulgação e apropriação do registro fotográfico.

A análise da representação fotográfica pela perspectiva histórica torna possível vislumbrar as relações entre propostas pedagógicas e seus mecanismos de transformação e de conformação de práticas escolares. Assim, a investigação dessa fonte documental pode contribuir para a compreensão de questões relativas à fotografia como campo de conhecimento e relativas aos fatos históricos e educacionais enquadrados nas imagens.

É inegável que a escola é um dos espaços mais significativos da vida das pessoas, pois ali passam a maior parte de seu tempo e, conseqüentemente, há muitos momentos passíveis de serem fixados, cristalizados para a posteridade: ingresso na escola (foto clássica, do aluno sozinho, sentado à mesa posando com elementos como o globo, o

lápiz, o caderno, a lousa, o mapa); eventos (como desfiles e comemorações em datas cívicas, apresentações teatrais, festas e comemorações, como festa junina, festa de final de ano, aniversário da escola e cerimônia de formatura). Fotografias produzidas por fotógrafos contratados para registrar cerimônias, grupos (de alunos, de alunos com professores e de professores) ou a infraestrutura escolar, ou por iniciativa dos próprios alunos ou professores. Dessa forma, constitui-se ainda outra classificação: a de registros amadores ou profissionais. Além disso, há os registros encomendados por administrações públicas responsáveis por renovações educacionais.

Outra consideração pertinente é a de que, além do deslumbramento que toda imagem desperta, há ainda o fato de que todos nós, invariavelmente, já fomos submetidos a alguma dessas situações, ou a todas elas. Portanto, nosso olhar está impregnado pelas referências emocionais e culturais. Permitir ao olhar abrir-se às múltiplas possibilidades, sensibilizando-se por singularidades dos vários momentos históricos constitui grande desafio para o pesquisador e implica redobrado esforço. No entanto, esse esforço não se refere apenas a lidar com uma fonte que ainda se encontra imersa em processo de formação teórico-metodológico para o seu tratamento, como se poderia supor.

Na pesquisa histórica, deve-se estabelecer um diálogo com a imagem. Compreendida como representação de uma realidade, requer a articulação com outras informações, provenientes de outras fontes, para desconstruir analiticamente o enunciado visual.

A materialidade, as condicionantes técnicas, o *olhar* do fotógrafo e o objeto enfocado são os elementos internos da fotografia. Os elementos externos abrangem a contextualização histórica, a utilização, a apropriação e a representação da imagem. Ambos os conjuntos devem ser examinados, no intuito de compor reflexão consistente e aprofundada.

[...] de todas as estruturas de informação, a fotografia seria a única a ser exclusivamente constituída por uma mensagem 'denotada' que esgotaria totalmente seu ser; diante de uma fotografia, o sentido de 'denotação' ou de plenitude analógica, é tão forte, que a descrição de uma fotografia é, ao pé da letra, impossível; pois que descrever consiste precisamente em acrescentar a mensagem denotada um relais ou uma segunda mensagem, extraída de um código que é a língua, e que constitui, fatalmente, qualquer que seja o cuidado que se tenha para ser exato, uma conotação em relação ao análogo fotográfico: descrever, portanto, não é somente ser inexato ou incompleto; é mudar de estrutura, é significar uma coisa diferente daquilo que é mostrado (BARTHES, 1990, p. 14).

Com a fascinante capacidade de articular beleza e informação, sua principal característica, a fotografia constitui um desafio para o pesquisador. Libertar-se da contemplação estética imposta pela imagem e superar a concepção que a considera apenas como um fragmento da realidade são, possivelmente, dificuldades que tornam complexo o trabalho com esse tipo documental. Considerando esse aspecto, constata-se a necessidade de se indagar a fotografia em seu próprio código, a linguagem imagética, não verbal, limitada pelas opções por determinados recursos técnicos e estéticos de cada época.

As fotografias oferecem-nos recortes da realidade de acordo com as formas pelas quais as sociedades se permitiram representar. A produção do registro fotográfico, portanto, obedece ao universo simbólico de cada grupo social e cultural. Por conseguinte, o universo escolar apresenta seu próprio conjunto de padrões de representações, conforme é possível constatar a partir de nossas lembranças de experiências escolares e de nossos registros fotográficos dessas experiências, e a partir do exame de imagens escolares presentes em arquivos, livros, jornais, álbuns.

As pessoas criam sua própria forma de subverter o enquadramento padronizado, buscando maneiras de se sobressair. Nas fotografias de grupos escolares ou de grupos formados por ocasião de formaturas há, invariavelmente, uma ou outra pessoa que se destaca dos demais retratados de alguma forma (olhando diretamente para a câmara fotográfica, por exemplo) chamando a atenção, prendendo nosso olhar.

As imagens fotográficas não se esgotam em si mesmas, e nem poderiam, uma vez que são o produto de uma profusão de fatores; portanto, significam o ponto de partida da investigação. Considerando que elas nos revelam apenas um fragmento selecionado da aparência das coisas e dos fatos, não podemos tomá-las como verdades únicas e absolutas, como testemunhos do passado que procuramos reconstituir e que jamais será visto novamente da forma como foi concebido, pois está impregnado, agora, pelo *olhar* do historiador.

II. Arquivos consultados, *corpus* documental e aspectos metodológicos

O *corpus* documental desta pesquisa de doutorado é basicamente composto pelo conjunto de documentos fotográficos do Acervo da Escola Caetano de Campos-AECC.

Este acervo é constituído de significativo conjunto de documentos, considerando-se sua quantidade e diversificação. Cronologicamente, compreende aproximadamente o período entre o final do século XIX e o início da década de 1970. Este privilegiado acervo histórico engloba jornais, livros de registros, revistas educacionais, álbuns fotográficos, fotos avulsas, livros, objetos escolares, móveis, material didático, entre outros itens. Está, desde 2000, sob a guarda da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Este arquivo foi incorporado ao acervo do Centro de Referência em Educação Mário Covas (CREMC), vinculado à Secretaria de Educação-SP. O CREMC, criado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, tem como principal objetivo a preservação de acervos históricos escolares, dentre eles o da Escola Caetano de Campos. Desse modo, o primeiro arquivo consultado para o desenvolvimento desta pesquisa foi o da Escola Caetano de Campos.

Especificamente com relação ao acervo fotográfico, o AECC é composto de grande quantidade de fotografias. Esse aspecto por si mesmo já seria impressionante e suficiente para subsidiar muitas e diversificadas pesquisas acerca da escola pública, inclusive sobre o sistema educacional no Estado de São Paulo no final do século XIX e no início do século XX. Entretanto, o acervo também impressiona pela peculiaridade do seu conteúdo.

Com relação à gama de temas abordados nos registros fotográficos do AECC, é possível encontrar diversos tipos de temas envolvendo a cultura escolar: aspectos do cotidiano escolar, da infraestrutura, de práticas educacionais, das solenidades de formatura, de grupos de alunos e de professores, de eventos cívicos e religiosos, de eventos da própria escola, de efemérides, etc. Esses registros apresentam indícios das práticas educacionais e de sua relação com o espaço escolar, pois há várias fotos do prédio, em suas reformas e alterações sofridas nos anos de funcionamento da instituição, além de fotos de alunos, profissionais da educação, autoridades e membros da sociedade. Desse modo, ressalta-se que esse acervo viabiliza muitas possibilidades de pesquisa e de análise.

Dentre os documentos do AECC, do CREMC estudei nesta pesquisa apenas os 24 álbuns fotográficos cujo tema é a própria escola Caetano de Campos. Esclareço que o acervo é composto ainda por quatro álbuns de outras escolas, a saber: Colégio Estadual e Escola Normal Peixoto Gomide, Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo, Grupo Escolar de Itu e Escola Normal Livre Paulo André, da cidade de Barretos. Há também três

álbuns com fotografias cuja temática é estrada de ferro e prédios públicos em cidades paulistas. Por fim, um conjunto de cerca de quase 3 mil (2748) fotografias avulsas que compõem o acervo fotográfico do AECC. Embora essas fotografias não possam ser desconsideradas, não poderão ser incorporadas de modo sistemático à análise, devido à falta de identificação da maioria delas, o que dificulta e chega a inviabilizar o estudo. Percebi que algumas delas compunham os álbuns, mas devem ter sido retiradas deles por algum motivo e, como não foi tomado o cuidado de identificá-las, quando retornaram ao acervo passaram a fazer parte do conjunto de fotografias consideradas avulsas.

Desde o fim do século XIX, a fotografia integra o acervo de inúmeras instituições, mas, apesar desse fato, demorou muito tempo para que ela se fizesse reconhecer pelos conservadores como fonte primária que exige atenção especial.

Além das instituições de salvaguarda de memória constituídas e mantidas pelo poder público municipal, estadual ou federal, algumas instituições particulares também cuidam da preservação da memória. No âmbito escolar, muitas escolas se preocupam e se preocuparam, ao longo do tempo, em organizar arquivos para preservar a sua memória. Percebe-se que a constituição de acervos escolares para preservação da memória é reforçada pelas práticas escolares. Ou seja, pode-se tomar como exemplo a Escola Caetano de Campos que, durante sua existência, contou com professores, funcionários e alunos que realizaram ações nesse sentido, como a constituição de álbuns fotográficos e dossiês didáticos.

No caso do acervo fotográfico do arquivo da Escola Caetano de Campos, a preservação do material acompanhou os cuidados já dispensados ao acervo textual. Num diagnóstico inicial, não houve a constatação da necessidade de nenhum reparo ou cuidado urgente. A avaliação das condições físicas da documentação revelou a preocupação da própria escola com a salvaguarda e com a organização desse material.

A literatura sobre a Escola Caetano de Campos é ampla, englobando a história da Instituição e das práticas escolares lá desenvolvidas. As obras e estudos incidem principalmente sobre o seu papel na formação docente, como Escola Normal. Dado o seu pioneirismo na formação docente em São Paulo e sua relevância no sistema educacional paulista a partir do início do Regime Republicano, a Escola Normal, que com a construção do novo prédio da recém-inaugurada Praça da República, em 1894, passou a ser conhecida

como Escola Normal da Praça, oficialmente renomeada como Escola Normal Caetano de Campos, é mencionada na maioria das obras e estudos sobre a Educação paulista e sobre a formação docente no Brasil.

Especificamente sobre os álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos há apenas dois trabalhos de pesquisa, um de mestrado e outro de doutorado, respectivamente de 1997 e 2002, ambos realizados por Mirtes Cristina Marins de Oliveira, no âmbito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nesses trabalhos, intitulados respectivamente, *Memória escolhida: imagem e história nas fotografias do Álbum Photographico da Escola Normal - 1895*. 1997 e *Palimpsestos: Fotografia na Escola Normal da Praça (1889-1910)*, a pesquisadora teve como objetivo estudar as condições técnicas e históricas de produção dos álbuns de 1895 e de 1908 numa perspectiva comparativa, investigando sua utilização como peças de propaganda dos ideários republicanos na capital paulista.

Assim, apesar da instituição ser frequentemente mencionada, os álbuns fotográficos que mantêm em seu acervo foram pouco analisados. A proposta desta tese visa sanar esta lacuna, contemplando os 24 álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos. Procurei identificar as recorrências na representação de escola produzida pelas fotografias e pela composição dos álbuns, assim como as práticas sociais registradas nas fotografias que construíram essas imagens e os próprios álbuns, com o objetivo de desenhar um padrão fotográfico escolar.

O *corpus* documental desta pesquisa foi ampliado a partir de incursões na Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e no Setor Iconográfico do Museu Paulista.

No Arquivo do Estado de São Paulo também foi possível encontrar documentos que esclareceram questões da pesquisa. O exame desse material permitiu o estabelecimento de relações com algumas imagens e auxiliou no entendimento da dinâmica administrativa da educação em São Paulo.

Concomitantemente com o trabalho realizado com a documentação iconográfica e textual, realizei extenso levantamento acerca das discussões teóricas sobre a fotografia.

A partir dessas referências, tive acesso a uma rede de informações que possibilitou analisar a produção fotográfica encontrada no Acervo da Escola Caetano de Campos.

Terminando por compor o quadro documental deste trabalho está o próprio prédio da Escola Caetano de Campos, que atualmente é a sede da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo. Frequentemente visitado por ex-alunos da Escola, o prédio manteve, apesar das necessidades de adaptações para as funções administrativas atuais, seu aspecto monumental. Desse modo, examinei o prédio procurando perceber sua condição de monumento, capaz ainda de impressionar e de suscitar sentimentos de afeto e de identificação individual e coletiva. Além disso, estudei a distribuição espacial e arquitetônica do prédio, observando os ângulos escolhidos pelos fotógrafos para a fixação das imagens e os demais ângulos preteridos, bem como todo o conjunto.

III. Considerações sobre a estrutura da tese

Para apresentação da reflexão e da pesquisa propostas, o texto foi estruturado em quatro capítulos.

Permeando os capítulos, a questão da fotografia como fonte documental e como objeto de pesquisa foi discutida à luz das considerações tecidas com base nas fotografias componentes do *corpus documental*. A proposta, portanto, foi desenvolver a reflexão teórico-metodológica, no conjunto do trabalho, a partir dos questionamentos que emergiram da documentação.

Desse modo, o Capítulo 1, intitulado: “Imagem fotográfica na interface entre escola e educação”, versou sobre as múltiplas relações entre Educação, Imagem, Imagem fotográfica e Escola. O universo escolar produz imagens e, especificamente, imagens fotográficas. No entanto, a despeito dessa produção tão expressiva e significativa, há poucos estudos acerca dos seus sentidos, no que diz respeito, tanto ao impacto social dos registros fotográficos escolares, quanto a sua produção. Desse modo, pretendi, para iniciar a tese que está aqui delineada, estudar as relações entre fotografia e escola em suas diversas dimensões. Procurei também diferenciar e estudar a perspectiva de fotografia de escola e a de fotografia na escola. Na perspectiva do ensino recorrendo às imagens, trabalhei o ensino pela estética e pela visibilidade, o emprego da imagem como recurso e

como material didático, e, por fim, as publicações escolares, nas quais as imagens aparecem como ilustração e com funções didáticas. Sobre a fotografia na escola, estudei as diversas formas de presença da fotografia na instituição escolar, focando principalmente o retrato. Por fim, trabalhei a escola como cartão-postal, na perspectiva de difusão de sua imagem tendo como suporte esse meio tão popular no início do século XX, que contribuiu para formar uma idéia da escola a partir de uma estratégia de vitrine e propaganda.

Considerando-se que imagem é um termo polissêmico que abrange, tanto seu aspecto iconográfico, quanto as idealizações mentais, ainda que tenha sido necessário recorrer às imagens mentalizadas para compreender a materialização das representações fotográficas, esta pesquisa foi restrita à análise da imagem fotográfica. A escola produz imagens e também reflete projeções socioculturais. Constituiu-se, ao longo do tempo, como uma das instituições mais responsáveis pela produção e difusão de imagens, tanto mentais quanto iconográficas. Além disso, a escola também ensina a apreciação estética e disciplinariza o olhar do aluno, como parte inerente do processo de educação formal. Desse modo, com base nas elaborações teóricas de Diana Gonçalves Vidal, Armando Martins de Barros e Dominique Julia, foi desenvolvida a análise da relação entre escola, educação e imagem. A investigação englobou a análise de relação entre a cultura escolar, de acordo com a formulação de Dominique Julia, e a sua representação, de acordo com a de Roger Chartier. Segundo Armando Martins de Barros, recorrer à análise de imagens fotográficas obriga o historiador a “[...] refletir sobre a produção social do olhar, encontrando imagens na especificidade de um circuito social, de um campo semântico, de uma comunidade de sentido” (Barros, 2005, p.119). Com essa premissa, é possível indicar as duas dimensões da imagem de escola: a produção dessa imagem no âmbito da cultura escolar e a sua relação com a sociedade. Para estudar a especificidade da imagem fotográfica fundamentei a análise nas elaborações de Boris Kossov, Ana Mauad e Roland Barthes.

Nesse capítulo também englobei a discussão acerca do modo como a fotografia constitui-se suporte de memória, ao criar um discurso e uma imagem específica que direcionam a forma de a sociedade ver a escola e suas práticas. Para desenvolver esse ponto da reflexão, baseei a argumentação principalmente nas proposições de Jacques Le Goff e de Maurice Halbwachs. No caso da Escola Caetano de Campos, os ex-alunos estabeleceram com a Escola uma forte relação de identificação e de salvaguarda da memória da própria Escola e da vida escolar de cada um. Desse modo, no caso específico

da relação da fotografia com a temática escolar, há que se considerar o apelo laudatório e memorialista.

No que se refere às relações entre a imagem fotográfica e a área da História da Educação, procurei realizar um balanço, principalmente da última década, pois houve significativo desenvolvimento de pesquisas nos aspectos metodológicos e temáticos, ou seja, pesquisas que empregaram a fotografia simultaneamente como fonte e como objeto de análise.

No Capítulo 2, “Tipologia: tipos e funções da fotografia escolar”, discuto a necessidade, as especificidades e os limites da prática da classificação. A Teoria da História e as diversas outras dimensões da teoria especializaram-se em criar categorias de análise para desenvolvimento de pesquisas. No entanto, categorizar constitui um grande desafio, assim como o é também discutir esse aspecto. Especificamente no que se refere à pesquisa que se pretende aqui realizar, a própria fotografia foi, desde a sua origem, refratária à classificação, estabelecendo uma conflituosa relação com a pintura. No entanto, observei, com base em teóricos da fotografia, tais como Boris Kossoy, Ana Maria Mauad, Mirian Moreira Leite, Roland Barthes, entre outros, que, ao especializar-se do ponto de vista técnico, a fotografia criou subdivisões temáticas que exigiam diferentes recursos. Além disso, ao ser inserida no circuito social, foi sendo apropriada para diferentes usos e assumiu diversas funções que, por sua vez, também demandaram o estabelecimento de tipologias. Soma-se ainda a essa reflexão o aspecto didático da classificação e da tipologia.

Com base nesses pressupostos teóricos, almejei desenvolver um estudo sobre as temáticas da fotografia escolar considerando os subtemas que elas englobam respectivamente, tomando como base o acervo da Escola Caetano de Campos. Identifiquei quatro grandes temas: arquitetura, práticas escolares, retratos e eventos. Esses temas parecem abranger todas as ações desenvolvidas no âmbito da escola e representadas fotograficamente. Obviamente, seria utópica a pretensão de explorar, estudar e analisar todas essas ações.

Cumpru ressaltar que tenho percepção de que, como procurei discutir no início do capítulo, todo esforço de categorização é falho, no sentido de que os elementos são dinâmicos e frequentemente apresentam características de uma ou mais categorias ou, nesse caso, tipos. Assim, o que visei foi sistematizar o conjunto de documentos disponíveis

para análise, procurando viabilizar a compreensão acerca da cultura escolar e de suas representações.

Para o desenvolvimento do Capítulo 3, “Do retrato ao retrato escolar”, foi necessário, para compreensão do assunto, recorrer ao estudo do retrato no âmbito da pintura, mesmo restringindo-se a alguns princípios, dada a amplitude da matéria. Desse modo, trabalhei com os estudos de pesquisadores da História da Arte como Henrich Wölfflin e de pesquisadores da retratística no Brasil, como Elaine Dias. Tratei também da passagem do retrato pintado para o retrato fotográfico e as tensões que esse processo envolveu a partir das pesquisas de Annateresa Fabris, Pedro Vasquez e Cláudio Kubrusly, entre outros.

Neste capítulo propus analisar especificamente a temática do retrato na esfera escolar. Analisar os retratos de alunos, professores e funcionários das escolas envolve uma problemática para além do âmbito escolar, o que implica, inclusive, uma perspectiva psicocultural.

No que tange ao conteúdo, os retratos escolares, assim como os retratos em geral, dividem-se em individuais e coletivos. A partir dessa constatação, desenvolvi a análise das características comuns ao retrato escolar e aos retratos escolares individuais e coletivos. Apesar da dificuldade de acessar acervos particulares nos quais se encontram alguns tipos de retratos e fotografias escolares, especificamente os de lembrança, consegui alguns exemplares de ex-alunos da Escola Caetano de Campos que viabilizaram parte significativa dessa análise.

Por fim, o Capítulo 4, intitulado “Álbuns fotográficos: o registro de memórias e de práticas”, foi dedicado ao estudo, com base no Acervo da Escola Caetano de Campos, das especificidades do álbum fotográfico como artefato passível de apresentar uma narrativa e de promover a preservação das fotografias nele fixadas. Assim, o álbum fotográfico configura-se simultaneamente como uma espécie de arquivo e como um tipo de documento com características muito peculiares. Para compreender essa lógica, remeti ao início dessa prática no Brasil e recorri aos trabalhos de Miriam Moreira Leite e Armando Silva sobre os álbuns de família. Foi possível identificar que há entre os álbuns de família e os escolares aspectos em comum; no entanto, ainda que nos álbuns de família haja, na perspectiva cronológica, registros fotográficos de momentos da vida escolar,

principalmente de eventos, os álbuns escolares que estudei apresentam harmonia porque se dedicam a uma temática totalmente voltada ao universo escolar e porque são produzidos a partir de uma perspectiva institucional, tanto os produzidos profissionalmente quanto os artesanais. Com relação a essa divisão, procurei estudar as características dos dois tipos de álbuns a partir do princípio da produção. Com o conjunto privilegiado de fontes composto pelo Acervo da Escola Caetano de Campos, pude desenvolver esta análise.